

Boletim No. 17 – 20 de Novembro de 2020

Notas preocupantes sobre a Pandemia de Coronavírus

1. A Situação no mundo

No dia 18 de novembro de 2020 já eram aproximadamente 55 milhões e 600 mil de pessoas que se infectaram com o Coronavírus no mundo, dos quais aproximadamente 1 milhão e 300 mil já perderam as suas vidas.

Nas figuras 1 e 2 temos a distribuição dos casos e dos óbitos por regiões do mundo e os países em pior situação.

Fig 1: Números de casos e de óbitos no mundo e por regiões



Fig 2: Número de casos pelo mundo – Países com o maior número de casos

Local	Total de casos ↓	Novos casos (1 dia*)	Novos casos (últimos 60 dias)	Casos a cada um milhão de pessoas	Mortes
Global	55.624.562	Não há dados		7.154	1.338.100
Estados Unidos	11.613.875	172.391		35.241	250.409
Índia	8.958.483	45.576		6.585	131.578
Brasil	5.945.849	34.091		28.134	167.455
França	2.066.046	27.996		30.802	46.366
Rússia	1.975.629	20.717		13.463	34.068
Espanha	1.525.341	15.318		32.385	42.039
Reino Unido	1.430.341	19.609		21.530	53.274
Argentina	1.339.337	10.332		29.804	36.347
Itália	1.272.352	34.280		21.120	47.217

Os jornais têm noticiado diariamente as chamadas “segundas ondas” de Coronavírus nos países da

Europa que já, em grande medida, tinham reduzido casos e óbitos a números que permitiam o

relaxamento do isolamento social e a retomada, ainda que com restrições, das atividades comerciais e sociais. Nos **Estados Unidos**, o país em pior situação, voltou a aumentar o número de casos com registros de 100 mil ou mais por dia desde o início de novembro.

Segundo o G1 do dia 18 de novembro, o mundo registrou um novo recorde diário de mortes com 11.115 óbitos. O recorde anterior foi em 4 de novembro com 11 mil, **números superiores aos piores momentos da pandemia**, cujo recorde foi em 17 de abril com 8.365 óbitos.

Alguns dados que chamam a atenção:

- A Rússia anunciou 20.985 novas infecções e 456 óbitos num único dia, o recorde diário de mortes.

- No dia 17/11 a França ultrapassou a Rússia em número de casos e superou os 2 milhões de infectados.

2. A situação no Brasil

Já são, em 18 de novembro, aproximadamente 6 milhões (5.947.464) pessoas infectadas com aproximados 167 mil óbitos, números que não param de crescer. **A velocidade de crescimento que estava em queda desde o final de setembro, preocupantemente, volta a dar sinais de crescimento nas últimas semanas.**

Segundo dos dados do InfoGripe, boletim da Fiocruz que monitora os casos de síndrome respiratória aguda grave, com dados da semana epidemiológica 45 (de 1 a 7 de novembro) o **número de casos de Covid-19** que vinham caindo, mostram que houve um aumento no

- A Itália registrou o maior número de mortes em 7 meses.

- Tóquio bateu em 17 de novembro o recorde de novos infectados (493), superando o recorde anterior de 1º de agosto, com 472 casos.

Essa nova situação levou às seguintes medidas:

- Diversos países da Europa voltaram a adotar o “lockdown”;
- A Itália decretou toque de recolher entre 22 e 5h até 3 de dezembro e fechou cinemas, teatros, ginásios e piscinas;
- O governo francês fechou bares, restaurantes e comércios desde o fim de outubro e voltou a exigir que as pessoas apresentem justificativas para circular nas ruas.

Brasil, passando de **16 mil casos no dia 6 de novembro para 19 mil no dia 10**. Esses dados variam de um estado para outro, sendo que as maiores taxas de incidências estão em Roraima, Amapá, Espírito Santo e Santa Catarina.

O boletim da **semana 46**, com dados de **8 a 14 de novembro**, mostram um importante aumento do número de casos de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), dos quais **a maioria (97,7%) é de covid-19**. A distribuição é desigual pelo Brasil, com alguns estados ainda em situação de queda, porém 9 capitais mostram sinal de possível crescimento (vide tabela abaixo)

Tabela 1: tendência de crescimento de casos de covid-19

Capital	Tendência de crescimento
Rio Branco (AC)	Sinal forte de crescimento há 3 semanas
São Luís (MA)	Sinal moderado de crescimento há 6 semana
Florianópolis (SC)	Sinal moderado de crescimento há 6 semanas
João Pessoa (PB)	Sinal moderado de crescimento há 6 semanas
Natal (RN)	Sinal moderado de crescimento há 4 semanas
Brasília	Sinal moderado de crescimento há 3 semanas
Vitória	Sinal moderado de crescimento há 1 semana
Goiânia (GO)	Sinal moderado de crescimento há 1 semana
Palmas (TO)	Sinal moderado de crescimento há uma semana

É de se observar que esses dados podem estar subestimados em função do ataque hacker à rede do Ministério da Saúde, cujos dados podem ser corrigidos nas próximas semanas.

O aumento do número de casos já se refletiu no aumento do **número de óbitos**, que apresentava até duas semanas atrás tendência de queda. A média, que já foi superior a 1000 óbitos por dia, **tinha caído a 400, subiu para 584 nos últimos 7 dias, a maior desde o dia 11 de outubro**. A variação foi de + 49% em

comparação com a média de 14 dias atrás, indicando atualmente, **tendência de alta**. Tivemos 754 óbitos

nas últimas 24 horas, maior número desde o mês de maio (fonte G1).

3. A Situação em São Paulo

Até 18 de novembro o Estado de São Paulo acumulava 1.184.496 casos da doença, com aproximados 40.927 óbitos (Fundação SEADE).

Há várias evidências que a situação que, como no Brasil, vinha melhorando, **voltou a piorar nos últimos dias, principalmente na capital e nos municípios da região metropolitana**.

Segundo o G1 os 39 municípios da Grande São Paulo, que estão oficialmente na fase verde do Plano São Paulo, que orienta a flexibilização do isolamento social, nesta semana já apresentam **indicadores da pandemia compatíveis com a fase amarela, graças à piora da doença**. A classificação se encontra congelada há 40 dias, embora a reclassificação tenha

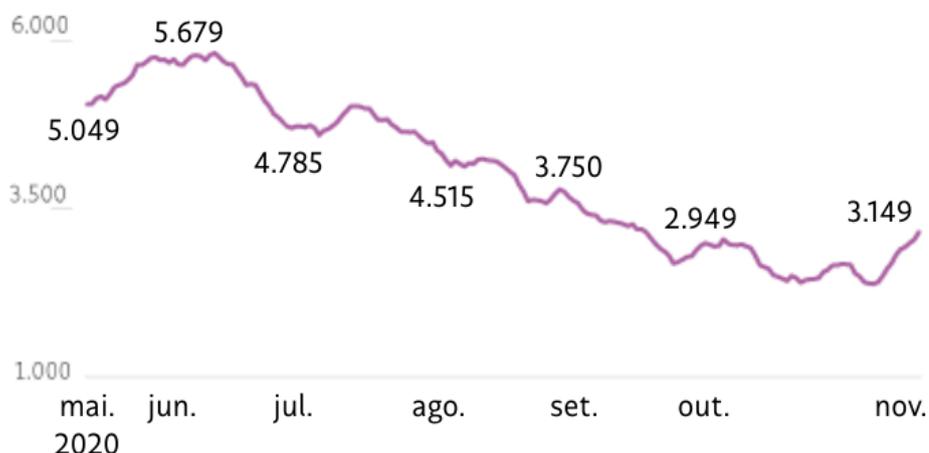
sido prometida para última segunda (16), dia seguinte ao primeiro turno das eleições. Mas no dia 16 o governo informou que ela seria adiada para 30 de novembro! Segundo a Folha de São Paulo vários especialistas consideram **temerário aguardar todo esse tempo para fazer a reclassificação**.

Outro dado que evidencia a piora da situação no Estado é o **aumento no número de internações hospitalares em vários municípios** (vide tabela e gráfico abaixo). Na capital as hospitalizações passaram de 644 no dia 11 para 814 no dia 17 de novembro, um aumento de 26%. As internações em UTI subiram 33%, de 339 para 451.

Tabela 2: variação em 7 dias das internações em alguns municípios paulistas

Município	Variação do dia 11 para 17 de novembro	proporção
Santo André	255 para 355	39%
São Paulo (capital)	644 para 814	26%
São Caetano do Sul	111 para 145	30,6%
Praia Grande	24 para 33	37,5%
Sorocaba	172 para 213	24,4%

Número de novas internações (UTI e enfermaria) de pacientes confirmados ou com suspeita de Covid-19 nos últimos 7 dias



Fonte: Seade

Preocupa também o **índice de contágio (RT)**, que aponta quantas pessoas serão contaminadas por um infectado e ajuda a estimar a velocidade de transmissão da doença: valor abaixo de 1 indica redução da velocidade e melhora da pandemia, enquanto números acima de 1 indicam aumento da

velocidade e piora da situação. Segundo o Imperial College de Londres, o número que apresentava tendência de queda na capital até o final de outubro, **voltou a subir a partir de 4 de novembro, quando chegou a 1,04, sendo que no dia 18 chegou a 1,38**.

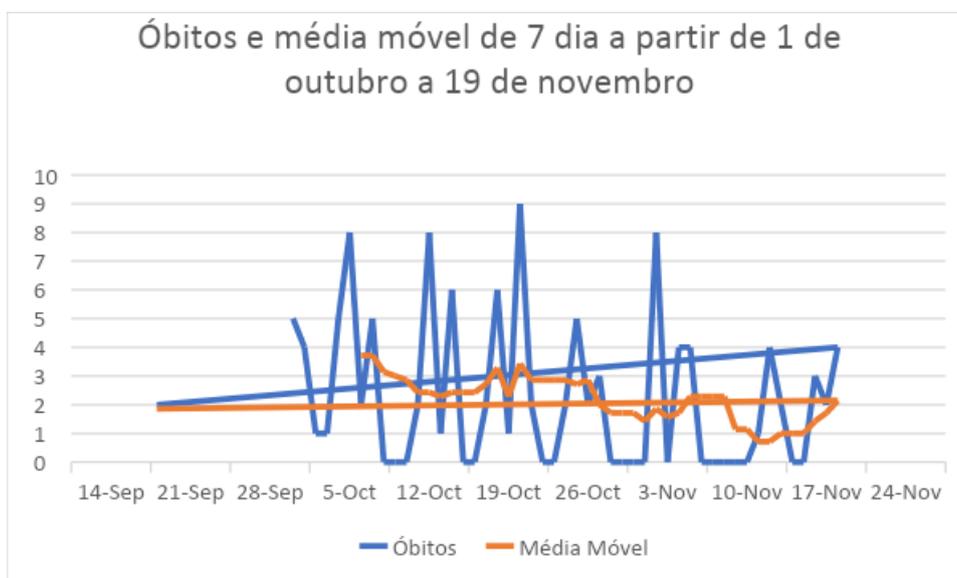
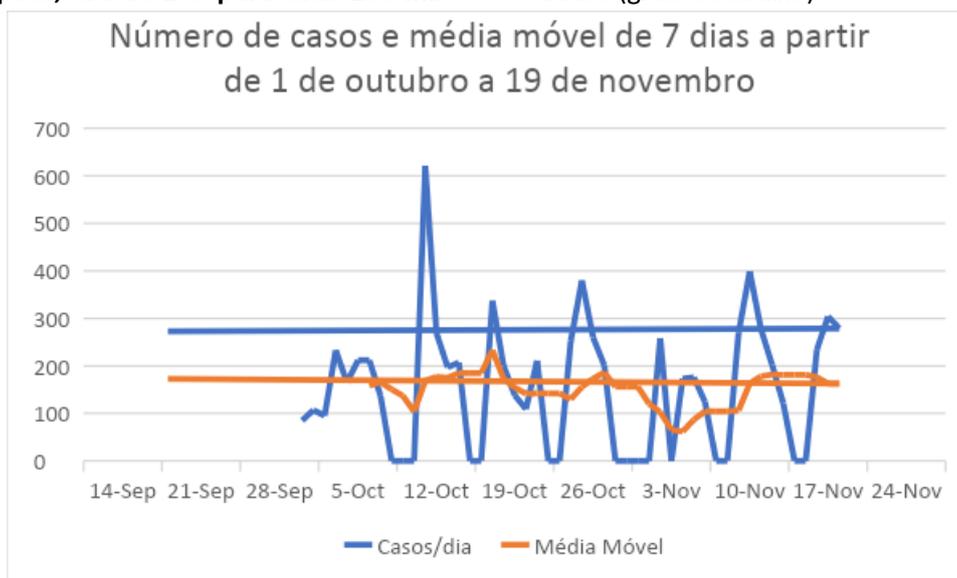
4. A situação em Campinas

No município já são, em 19 de novembro, 40.981 infectados com 1351 óbitos.

O último boletim da Secretaria de Saúde, de 6 de novembro, quando tínhamos 38.322 casos e 1.329 óbitos, mostrava uma **incidência de 3.140 casos por 100 mil habitantes**, superior à do Estado de São Paulo (2.446,3/100 mil) e da capital (2.600/100 hab.). A **mortalidade, à época, era de 109 para cada 100 mil**

habitantes, também superior à do Estado (86 por 100 mil) e inferior à do município de São Paulo, de 111,5 para cada 100 mil hab.

Como o boletim se encerra no dia 6 de novembro, fizemos o levantamento do **número de casos e de óbitos desde 1 de outubro a 19 de novembro e calculamos a média móvel de 14 dias de ambos os dados** (gráficos abaixo)



Observa-se um **aumento da média móvel do número de casos a partir do 9 de novembro, bem como do número de óbitos a partir do 15 de novembro**, evidências para que nos coloquemos em alerta sobre a possibilidade de uma piora da situação, a **exigir novas medidas de contenção da pandemia**.

No último plano de contingência do Coronavírus, de 10 de novembro, a prefeitura publicou um mapa de leitos e uma proposta de desmobilização destes, considerando os dados atualizados até 5 de novembro. Nele é proposta a **redução de 155 leitos de UTI-Covid para apenas 20 leitos**. Em relação aos leitos de enfermaria para Covid está previsto a **redução de 89 leitos para apenas 20**.

5. Conclusões e recomendações

Há evidências de um **repique de casos de Coronavírus no Brasil**, porém com diferenças entre regiões e ou cidades, com algumas mantendo estabilização ou queda e outras com nítida tendência de aumento. É fato que o grave problema acontecido com o site do Ministério da Saúde há aproximadamente duas semanas dificulta a análise dos dados e a sua restauração pode mudar em parte a análise da situação.

Em Campinas, os dados produzidos no município e, portanto, não dependentes dos dados do Ministério, há **evidências de aumento de casos nas últimas semanas que já podem estar repercutindo no número de óbitos**, cuja média móvel também mostra sinais de aumento.

As mudanças em curso para voltar as atividades presenciais nos serviços procurando atender a tendência anterior do arrefecimento de casos e óbitos sugerem, neste momento, **atenção redobrada à Secretaria para “rever a revisão” dos processos de trabalho nos serviços, caso essa nova tendência se confirme.**

As medidas de isolamento social estão cada vez mais relaxadas e, segundo informações da imprensa e comentários recorrentes em diversas circunstâncias, as **aglomerações são cada vez mais comuns e maiores, imunes às recomendações oficiais, visto a incapacidade do poder público para monitorar e coibir.** As camadas médias e altas, que podem manter um isolamento mais adequado, estão cada vez mais promovendo festas e encontros, circulando mais pela cidade, segundo se vê por todo canto e noticiado na imprensa. **Os ônibus do transporte coletivo continuam lotados.** Há ainda um relaxamento em relação às medidas de prevenção, sendo comum vermos pessoas sem máscaras em bares e nas ruas e, com mais encontros e festas, um possível relaxamento em relação às higienizações das mãos e rostos. São esses fatores concorrentes para a piora da

pandemia, com um risco real de repique importante dos casos. **Mas aqui não se pode falar em segunda onda, pois não conseguimos sequer acabar com a primeira, como se vê na Europa e Estados Unidos.**

Não se pode menosprezar o **risco aumentado para as pessoas mais vulneráveis** e as que moram em favelas, ocupações e em bairros com muitas moradias inadequadas, denominadas de subnormais. Foram elas as que mais sofreram no pico da pandemia e que **serão as principais vítimas do aumento de casos.**

Consideramos **precipitado o desmonte da estrutura hospitalar** como está proposto na última versão do plano municipal, assim como o foi a demissão de uma grande quantidade de profissionais do Hospital Ouro Verde há alguns dias.

Continuamos recomendando a **contratação de profissionais de saúde para ampliar a capacidade da atenção básica no cuidado**, não só dos pacientes com Coronavírus, mas também dos pacientes com patologias crônicas, cujas necessidades não foram adequadamente atendidas durante esses últimos 8 meses na cidade. Nunca é suficiente lembrar que continuarão tendo dificuldades de acesso numa rede em que já havia repressão de demanda mesmo antes da pandemia.

Outra preocupação sempre presente é com a **segurança dos (as) trabalhadores (as) da Saúde, particularmente daqueles (as) acometidos (as) de maior vulnerabilidade.** Em se confirmando a tendência é mandatário seu afastamento, novamente, da linha de frente da lida com o Covid-19, reforçando novamente a necessidade de contratação de pessoal.

Também é imprescindível uma **“força tarefa” intersetorial**, que inclua a Saúde, a Assistência Social, ONGs e lideranças locais para atuarem mais ativamente nessas áreas de maior vulnerabilidade, bem como com populações de maior risco, como idosos e moradores de rua.

